



O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A SALA DE AULA

Alice Stenzel – UNIOESTE⁷

Aline Stenzel – UNIOESTE⁸

Prof^a Orientadora M^a Clarice Braatz Schmidt Neukirchen – UNIOESTE⁹

RESUMO: O presente trabalho objetiva refletir sobre a postura do professor frente à variação linguística encontrada em sala de aula e como lidar com o preconceito linguístico que possa se manifestar, não somente no ambiente escolar (BORTONI-RICARDO, 2004), mas na sociedade (BAGNO, 2009). Em um primeiro momento, apresenta-se uma revisão de literatura sobre a variação linguística, o preconceito linguístico, e a relação entre linguagem e sociedade (BUSSE, 2010). Propõe-se uma intervenção didática a partir de um texto teatral, por ser esse um gênero de prática oral, momento em que as variações linguísticas se manifestam. O professor tem um papel importante em conscientizar o aluno que a variação é característica intrínseca de toda língua (SOUZA; JESUS; GOMES, 2013) e que os falantes devem ser respeitados.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; variação linguística; preconceito linguístico.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma adaptação da Atividade Prática como Componente Curricular (APCC), desenvolvida na disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos, que compõe a grade curricular do curso de Letras da UNIOESTE, câmpus de Marechal Cândido Rondon, ministrada pela Prof^a M^a Clarice Braatz Schmidt Neukirchen. Considerando-se o contexto de um curso de licenciatura, o objetivo da APCC é aproximar as teorias estudadas durante as aulas com a realidade das escolas.

A proposta da atividade incluiu a elaboração de um plano de aula que trabalhasse a variação linguística associada a um gênero textual. A turma foi dividida em grupos e cada um recebeu um gênero diferente, sendo eles conto, poesia, carta e e-mail, cantiga de roda, música, filme, teatro, desenho animado, informe publicitário, história em quadrinhos e piada. O gênero selecionado para a APCC descrita neste resumo expandido foi o teatro.

Na primeira seção, será apresentada uma breve revisão de literatura sobre variante linguística e sobre como o professor deve proceder em situações de manifestação de preconceito linguístico em sala de aula. Posteriormente, o plano de aula proposto no trabalho será descrito, explicitando as vantagens de se trabalhar com um texto teatral na escola.

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A SALA DE AULA

Antes de abordar alternativas para o professor lidar com o preconceito linguístico em sala de

⁷ Graduanda do curso Letras Português/Inglês, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, alice.stenzel@hotmail.com.

⁸ Graduanda do curso Letras Português/Inglês, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, aline.stenzel@hotmail.com.

⁹ Professora orientadora vinculada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, câmpus Marechal Cândido Rondon, claricebraatz@yahoo.com.br.



aula, é preciso ter clara a concepção de língua adotada. Conforme explica Bagno (2009, p. 18-19), “a língua não é uma abstração [...]. Se tivermos isso sempre em mente, poderemos deslocar nossas reflexões de um plano abstrato – ‘a língua’ – para um plano concreto – os falantes da língua”. Nesse sentido, a língua é o que o falante faz dela.

O professor deve conscientizar os alunos das variações que a língua apresenta cotidianamente, que vai além daquilo que é descrito nas gramáticas. Em sala de aula, a dificuldade se apresenta diante do choque entre a variante que o aluno utiliza no domínio do lar, cultura predominantemente oral, e a variante ensinada na escola, a qual adota “culturas de letramento” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37).

A variante oral se distingue das normas que regem a escrita e, nesse viés, qualquer manifestação linguística que difira da norma padrão é considerada um “erro”. O correto é que o professor veja os desvios como diferenças linguísticas e não classifique a fala do aluno como “errada”. É a partir da concepção da língua como entidade abstrata com regras a serem seguidas pelos falantes que surge o preconceito linguístico.

Na interação com o sistema linguístico, determinada variação vocabular recebe maior prestígio e conotação social positiva devido ao fato de ser utilizada por uma elite. Assim como a sociedade é dividida em camadas, a língua também é estratificada – quem está no poder impõe sua língua como a mais “correta”. Como consequência, o prestígio dos falantes é transferido para a variante linguística (BAGNO, 2009).

O professor deve conscientizar o aluno que a variação é característica intrínseca de toda língua (SOUZA; JESUS; GOMES, 2013), orientando-o no sentido de evitar o preconceito linguístico ao se deparar com manifestações linguísticas diferentes da sua, pois a função da escola é “discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística” (BAGNO, 2009, p. 150).

Em sala de aula, os momentos de desvio da norma padrão não podem servir para humilhar o aluno, mas sim devem ser uma oportunidade para conscientizar o aluno das diferenças da língua, considerando que “a consciência gera responsabilidade. E é ao falante/escritor bom conhecedor das opções oferecidas pelo idioma que caberá fazer a escolha *dele*, eleger as opções *dele*, mesmo que elas sejam menos aceitáveis por parte de membros de outras camadas sociais diferentes da dele. O que não podemos é negar a ele o conhecimento de *todas* as opções possíveis” (BAGNO, 2009, p. 151, grifos do autor). Assim, o aluno poderá optar pela variedade que lhe for conveniente de acordo com as diferentes situações de manifestação linguística do seu cotidiano.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 43) sugere uma intervenção adequada por parte do professor a partir de uma situação-exemplo, em que o aluno pronuncia a palavra “trabalhando” em sua variação linguística - “trabaianu”: “Vejam esta palavrinha, ‘trabalhando’. Ela é uma daquelas palavrinhas que podemos usar de dois jeitos. Quando falamos com nossos amigos, podemos dizer ‘trabaianu’; quando falamos com pessoas que não conhecemos bem, empregamos a palavrinha como a escrevemos, assim: ‘trabalhando’. Peguem o seu caderno e vamos escrever uma frase que começa assim: ‘Ontem eu estava trabalhando...’”. Este é um exemplo adequado porque identifica a diferença e conscientiza sobre o seu uso, sem que o docente classifique a palavra como “errada”, excluindo-a de um uso possível da língua.

PROPOSTA DIDÁTICA POR MEIO DO TEATRO

Como citado em capítulo anterior, o gênero selecionado para a proposta didática foi o teatro, cujo embasamento teórico será detalhado a seguir. Ressalta-se que o caráter oral do gênero foi fundamental para o destacamento da variação linguística.

A comunicação é a base de qualquer sociedade humana. Ela foi desenvolvida da forma oral para a escrita, acompanhando as mudanças das civilizações. Com isso, é impossível dissociar uma



língua da sociedade na qual circula. Uma das formas de registro escrito da cultura de uma sociedade é a arte que ela produz. Introduzir o teatro em sala de aula é uma forma de colocar a arte a serviço da educação.

Não é recente a introdução do teatro na educação. Conforme aponta Reverbel (1997, p. 14), “filósofos em diversas épocas da História destacaram a importância do ensino das artes na escola através de jogos de expressão”. Já na Grécia, no século V a. C. o teatro era valorizado no meio da educação. Também entre os romanos ele tinha seu espaço, pois “o teatro era uma imitação que teria um propósito educacional se pudesse ensinar lições morais. Horácio considerava o teatro uma forma não só de entretenimento mas também de educação: ‘Todo louvor obtém o poeta que une informação com prazer, ao mesmo tempo iluminando e instruindo o leitor’” (REVERBEL, 1997, p. 13).

No mundo moderno, o uso do teatro para fins didáticos também se espalhou pela Europa, muitas vezes relacionada ao aprendizado da linguagem. Por exemplo, “na Renascença, surgiram numerosas academias, onde os estudiosos das obras clássicas encenavam peças latinas. Os membros dessas academias tornaram-se professores, e o teatro na escola começou a florescer. Cultivava-se a arte de falar, prática essa realizada através de diálogos. Em função desse tipo de ensino, os espetáculos escolares eram muito valorizados” (REVERBEL, 1997, p. 13).

O teatro possibilita o resgate da sociedade e, por consequência, da linguagem. Tal como a sociedade, a linguagem está em constante transformação. Ela não é um sistema homogêneo, já que recebe influências diversas, tal como o contato social entre os falantes. Concomitantemente, esse mesmo social é lapidado pela língua. Sobre isso, Busse (2010, p. 3) defende que

o estudo da fala e as análises sobre a variação têm como índice condutor a história e a cultura do povo, pois tomada enquanto representação do comportamento do falante, em que os fenômenos linguísticos são moldados à luz das complexas relações sociais, pode-se perceber que a língua em seus traços mais particulares reflete as condições pelas quais os grupos vêm se constituindo.

A proposta do plano de aula foi elaborada a partir do texto *Peça de Teatro sobre Regionalismos* (SCHNEIDER, 2016), que narra a história de um baiano que aborda diferentes pessoas na rua para conseguir informações sobre como chegar até uma estação rodoviária. Essas pessoas são de diferentes estados brasileiros e a caracterização delas na peça é feita por meio da variante típica de cada lugar.

Após a interpretação textual, seria realizado um debate sobre a variação linguística presente no texto, conduzindo pelo professor de forma a conscientizar os alunos contra o preconceito atrelado às variantes de menor prestígio. Foram sugeridos questionamentos como: “Como a personagem principal lidou com o problema de não entender o que os outros diziam?”, “Ela disse algo rude como resposta?”, “Você já passou por situação semelhante, na qual não compreendeu alguma expressão dita na conversa?” e “Qual foi sua reação?”.

Deve ser esclarecido que, apesar de o texto apresentar uma versão caricaturada das falas regionais, o desconhecimento do vocabulário de outrem é algo pelo qual todos podem passar. Como conclusão, os alunos seriam convidados a encenar a peça na noite cultural do colégio.

Trabalhar com o teatro na sala de aula vai além de assistir às peças, mas representá-las. Segundo Arcoverde (2015, p. 601), são grandes as vantagens dessa inserção:

O aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades para as artes plásticas (pintura corporal, confecção de figurino e montagem de cenário), oportuniza a pesquisa,



desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens.

Ainda segundo o autor, o teatro ajuda os alunos a adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades, estimula a imaginação e a organização do pensamento.

O aluno deve ser colocado como principal contribuinte no processo de produção e organização da apresentação da peça teatral. Na atualidade, iniciativas progressistas da educação têm o desenvolvimento da autonomia individual como forma de enfrentamento ao convívio social, cabendo à escola dar sua contribuição para essa evolução pessoal do aluno (ARCOVERDE, 2015).

O desenvolvimento da autonomia individual é resultado das experiências sociais do sujeito. É a partir delas que a visão própria de mundo é construída. Seguro de seu posicionamento frente à atuação docente, o professor pode defender seus recursos e estratégias didáticas. A Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD), conceito desenvolvido por Vygotsky, representa o estágio de desenvolvimento que o aluno pode chegar se suas potencialidades se realizarem (OLIVEIRA, 1992). Tendo isso em mente, o professor pode estimular a turma para que o conhecimento de mundo seja atualizado e cada aluno estabeleça sua visão de mundo pessoal.

O debate sobre a variação linguística presente no texto *Peça de Teatro sobre Regionalismos* (SCHNEIDER, 2016) visa expor o aluno a uma interação social, mediado pelo professor. Essa estratégia foi utilizada, pois

os conceitos científicos [...] estão organizados em sistemas consistentes de inter-relações. Por sua inclusão num sistema e por envolver uma atitude mediada desde o início de sua construção, os conceitos científicos implicam uma atitude metacognitiva, isto é, de consciência e controle deliberado por parte do indivíduo, que domina seu conteúdo no nível de sua definição e de sua relação com outros conceitos (OLIVEIRA, 1992, p. 32).

Partindo dessa instrumentalização, a proposta da apresentação cultural baseia-se no fato de que quando os conceitos científicos são internalizados e praticados há a aprendizagem. Dessa forma, o aluno será capaz de fazer o mesmo tipo de assimilação e reflexão com produções contemporâneas de seu cotidiano, tornando esses conceitos espontâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno tem o direito de conhecer as diferentes variantes da língua e de ser conscientizado sobre as implicações sociais de tais diferenças. A intervenção didática com um teatro, que aborda os regionalismos e o estereótipo que cada região brasileira carrega, é uma oportunidade para o professor promover tal conscientização nos alunos.

Espera-se que com essa abordagem o conceito de língua seja ampliado de uma lista de regras a serem seguidas para as inúmeras possibilidades que, de fato, existem na língua. Estudos como este enaltecem a importância da constante renovação a que os estudos linguísticos devem ser submetidos. Enquanto houver a estratificação social o preconceito linguístico continuará a se manifestar entre os falantes de diferentes comunidades.

REFERÊNCIAS



BAGNO, Marcos. *A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira*. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BUSSE, Sanimar. Uma análise geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná. *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Palhoça, SC: UNISUL, 2010. p. 1-17.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. 1992. *Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p. 23-33.

REVERBEL, Olga. *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*. São Paulo: Scipione, 1996. p. 73.

_____. *Um caminho do teatro na escola*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 12-15.

SCHNEIDER, George. Peça de Teatro sobre Regionalismos. Disponível em: <pt.scribd.com/doc/21097621/Peca-de-Teatro-sobre-Regionalismos>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SOUZA, Fabiane Ferreira de; JESUS, Luciana Martha Carvalho de; GOMES, Nataniel dos Santos. A variação linguística e a norma culta. In: *Sociodialeto*. Campo Grande, v. 4, n. 10, 2013. p. 34-44.